

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

# Americanah

*Tradução*

Julia Romeu



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Chimamanda Ngozi Adichie  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Americanah

*Capa*  
Claudia Espínola de Carvalho

*Foto da autora*  
Ivara Esege

*Preparação*  
Lígia Azevedo

*Revisão*  
Jane Pessoa  
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Adichie, Chimamanda Ngozi  
Americanah / Chimamanda Ngozi Adichie ; tradução  
Julia Romeu. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia  
das Letras, 2014.

Título original : Americanah.  
ISBN 978-85-359-2473-2

1. Ficção nigeriana em inglês I. Título.

14-06434

CDD-823.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura nigeriana em inglês 823.92

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# 1.

Princeton no verão não tinha cheiro de nada e, embora Ifemelu gostasse do verde tranquilo das diversas árvores, das ruas limpas, das casas imponentes, das lojas delicadas e caras demais e do ar calmo de quem sabia merecer a graça alcançada, era isso, a falta de cheiro, que mais lhe agradava, talvez porque todas as outras cidades americanas que conhecia tinham um cheiro bem peculiar. A Filadélfia tinha o odor embolorado da história. New Haven cheirava a abandono. Baltimore cheirava a salmoura. O Brooklyn, a lixo esquentado pelo sol. Mas Princeton não tinha cheiro. Ela gostava de respirar fundo ali. Gostava de observar os moradores da cidade, que dirigiam fazendo questão de mostrar que eram educados e estacionavam seus carros de último modelo diante do hortifrúti orgânico na Nassau Street, ou dos restaurantes japoneses, ou da sorveteria com cinquenta sabores diferentes, incluindo pimentão vermelho, ou do correio, cujos efusivos funcionários se precipitavam para cumprimentar quem entrava. Ela gostava do campus, grave com tanto saber, dos prédios góticos com suas paredes cobertas de hera, e do modo como, de noite, à meia-luz, tudo se transformava numa cena fantasmagórica. E, acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com os adornos da certeza.

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton — os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças —, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou *por que* não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças. A barra de chocolate em sua bolsa tinha derretido. Havia poucas pessoas esperando na plataforma, todas brancas, esguias, usando roupas curtas e leves. O homem parado mais perto dela tomava um sorvete de casquinha; Ifemelu sempre achara um pouco irresponsável o fato de, nos Estados Unidos, homens-feitos tomarem sorvete de casquinha, especialmente porque o faziam em público. Ele se virou para ela e disse “Até que enfim” quando o trem finalmente chegou rangendo, com aquela familiaridade que os estranhos adotam uns com os outros depois de compartilhar a decepção com um serviço público. Ifemelu sorriu para o homem. Os cabelos grisalhos na parte de trás da cabeça dele estavam penteados para a frente, uma maneira cômica de tentar disfarçar a calvície. Ele sem dúvida era um acadêmico, mas não de humanas, ou seria mais acanhado. Talvez ensinasse uma ciência exata, como química. Em outros tempos, ela teria dito “Eu sei”, aquela expressão particularmente americana que demonstrava concordância em vez de conhecimento, e então teria iniciado uma conversa com o homem, para ver se ele dizia algo que pudesse usar em seu blog. As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios. Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente “Tenho um blog sobre comportamento”, porque dizer “Tenho um blog anônimo chamado *Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana*” os deixava constrangidos. Mas Ifemelu já dissera isso algumas vezes. Uma vez para um homem branco de dread que havia se sentado ao seu lado no trem, com cabelos que eram como velhas cordas de barbante trançado que acabavam em tufo louros e uma blusa esfarrapada usada com tamanha humildade que a convenceu de que ele devia ser um guerreiro social e talvez desse um bom colunista convidado. “Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de

classe agora, os opressores e os oprimidos”, dissera ele sem hesitar, e Ifemelu havia usado a frase para abrir seu post intitulado “Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa”. Houve também a vez com o homem de Ohio, espremido ao lado dela num voo. Uma espécie de gerente administrativo, Ifemelu teve certeza ao ver seu terno largo demais e sua camisa colorida de colarinho branco. Ele perguntou o que Ifemelu queria dizer com “blog sobre comportamento” e ela explicou, esperando que ele se retraísse ou pusesse um ponto final na conversa dizendo algo defensivo e inócuo como “A única raça que importa é a raça humana”. Mas ele disse: “Já escreveu sobre adoção? Ninguém quer saber de bebês negros neste país, e eu não estou falando dos mulatos, mas dos bebês negros. Nem as famílias negras querem adotar”.

O homem contara a Ifemelu que ele e a esposa haviam adotado uma criança negra, e que seus vizinhos os olhavam como se tivessem decidido se tornar mártires de uma causa duvidosa. O post que ela escreveu em seu blog sobre ele, “Um gerente administrativo branco e malvestido de Ohio nem sempre é o que você pensa”, recebera o maior número de comentários daquele mês. Ifemelu ainda se perguntava se ele tinha lido. Ela esperava que sim. Muitas vezes, ficava sentada num café, num aeroporto ou numa estação de trem vendo estranhos passar e se perguntando quais teriam lido seu blog. Que agora era seu ex-blog. Ela havia escrito o último post fazia apenas alguns dias, e até agora tinha duzentos e setenta e quatro comentários. Todos aqueles leitores, cujo número crescia a cada mês, divulgando seus posts nas mídias sociais, sabendo tão mais do que ela; eles sempre a deixavam amedrontada e inebriada. DerridaSafista, uma das comentaristas mais frequentes, escreveu: *Estou um pouco surpresa com o quanto estou levando isso para o lado pessoal. Boa sorte nessa “mudança de vida” que você não explicou qual é, mas, por favor, volte logo para a blogosfera. Você usou sua voz irreverente, desafiadora, engraçada e provocadora para criar um espaço onde era possível ter conversas reais sobre um assunto importante.* Leitores como DerridaSafista, que viviam citando estatísticas e usavam termos como “reificar” em seus comentários, deixavam Ifemelu nervosa, ansiosa por inovar e impressionar; e ela, com o tempo, passou a se sentir como um abutre se alimentando das carcaças das histórias dos outros em busca de algo que pudesse usar no blog. Às vezes, a ligação que Ifemelu fazia entre um fato e a questão racial era frágil. Outras vezes, ela própria não acreditava no que estava dizendo. Quanto mais escre-

via, menos certa estava. Cada post arrancava mais uma escama de seu eu, até que ela passou a se sentir nua e falsa.

O homem que tomava o sorvete de casquinha sentou-se ao seu lado no trem e, para não encorajá-lo a puxar conversa, Ifemelu olhou fixamente para a mancha marrom de um frappuccino derramado que havia ao lado do seu pé até chegarem a Trenton. A plataforma estava repleta de pessoas negras, muitas delas gordas, em roupas curtas e leves. Ifemelu ainda ficava espantada com a diferença que alguns minutos no trem faziam. Durante seu primeiro ano nos Estados Unidos, quando pegava o trem da New Jersey Transit até a Penn Station em Nova York e depois o metrô para visitar tia Uju em Flatlands, no Brooklyn, ficava impressionada ao ver como a maior parte das pessoas brancas e magras descia nas estações de Manhattan, e, conforme o metrô ia se aproximando do Brooklyn, só iam sobrando as negras e gordas. Mas, naquela época, ela não pensava naquelas pessoas como sendo “gordas”. Pensava nelas como sendo “grandes”, porque uma das primeiras coisas que sua amiga Ginika lhe ensinou foi que “gordo”, nos Estados Unidos, era uma palavra horrível, carregada de preconceito, assim como “idiota” ou “cretino”, e não uma simples descrição, como “alto” ou “baixo”. Assim, ela havia tirado a palavra “gordo” de seu vocabulário. Mas “gordo” tornou a surgir no último inverno, após quase treze anos, quando um homem que estava parado na fila do supermercado atrás dela murmurou “Gente gorda não devia comer essa merda”, enquanto Ifemelu pagava por seu pacote gigante de Tostitos. Ifemelu olhou para ele, surpresa, um pouco ofendida, mas pensando que seria perfeito para um post contar como aquele estranho tinha decidido que ela era gorda. Usaria as tags raça, gênero e peso. Mas, em casa, ao ficar de pé diante da verdade do espelho, deu-se conta de que havia ignorado por tempo demais suas roupas mais apertadas, suas coxas se esfregando uma na outra, as partes mais moles e arredondadas de seu corpo que balançavam quando andava. Ela estava gorda *mesmo*.

Ifemelu disse a palavra “gorda” devagar, brincando com ela na língua, e pensou em todas as outras coisas que havia aprendido a não dizer em voz alta nos Estados Unidos. Ela estava gorda. Não estava curvilínea, ou cheiinha; estava gorda, aquela era a única palavra que a descrevia corretamente. E também tinha ignorado o cimento em sua alma. Seu blog estava indo bem, com milhares de visitantes por mês, ela ganhava bastante para dar palestras,

tinha uma bolsa de estudos em Princeton e estava com Blaine — “Você é o amor da minha vida”, havia escrito ele em seu último cartão de aniversário. No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país. Ifemelu lia avidamente sites nigerianos, perfis nigerianos no Facebook, blogs nigerianos, e cada clique levava a mais uma história de um jovem que havia pouco voltara para casa, brandindo diplomas americanos ou britânicos, para fundar uma financeira, uma produtora de música, uma marca de roupas, uma revista, uma rede de fast-food. Ela olhava para as fotos desses homens e mulheres e sentia uma dor surda de perda, como se tivessem aberto sua mão à força e pegado algo que lhe pertencia. Eles estavam vivendo a vida dela. A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra. E, é claro, também havia Obinze. O primeiro homem que ela amou, o primeiro com quem fez amor, a única pessoa para quem nunca tinha sentido necessidade de se explicar. Ele agora era casado e tinha uma filha, e os dois não se falavam havia anos, mas Ifemelu não podia fingir que ele não era parte dessa saudade do país, ou que não pensava nele com frequência, revirando o passado, procurando por presságios de algo sem nome.

O desconhecido grosseiro do supermercado — vai saber os problemas que *ele* tinha, aquele homem macilento de lábios finos — tivera a intenção de ofendê-la, mas, em vez disso, havia ajudado a acordá-la.

Ifemelu começou a planejar e a sonhar, candidatando-se a empregos em Lagos. Não contou nada para Blaine no começo, porque queria receber sua bolsa de Princeton até o fim, e depois que a bolsa acabou, não contou nada porque queria se dar um tempo para ter certeza. Mas, conforme as semanas foram passando, entendeu que jamais teria certeza. Então, disse a ele que ia voltar para a Nigéria, acrescentando “Preciso fazer isso” e sabendo que Blaine ia ouvir em suas palavras o som do fim.

“Por quê?”, perguntou ele quase automaticamente, atônito com o que ela havia anunciado. Ali estavam os dois, na sala dele em New Haven, banhada de sol e soft jazz, e Ifemelu olhou para ele, aquele homem bom e perplexo

que era seu, e sentiu o dia ganhar uma qualidade triste e épica. Moravam juntos havia três anos, três anos transcorridos sem rugas, como uma camisa bem passada, até sua única briga, meses antes, quando os olhos de Blaine haviam congelado e ele se recusara a olhar para ela. Mas tinham sobrevivido àquilo, principalmente por causa de Barack Obama, criando um novo elo devido à nova paixão que compartilhavam. No dia da eleição, antes de Blaine beijá-la com o rosto molhado de lágrimas, ele dera um abraço apertado nela, como se a vitória de Obama também fosse uma vitória pessoal dos dois. E, agora, ali estava ela, dizendo a ele que tinha acabado. “Por quê?”, Blaine perguntou. Ele falava sobre ideias cheias de nuance e complexidade em suas aulas, mas estava pedindo a ela uma razão específica, o *motivo*. Mas Ifemelu não tivera uma grande epifania, não existia um motivo; simplesmente, camadas e camadas de descontentamento haviam se assentado sobre ela e formado uma massa que a impelia. Ifemelu não contou isso a Blaine, porque ele ficaria magoado se soubesse que ela estava se sentindo assim havia algum tempo, que seu relacionamento com ele era como estar satisfeito dentro de uma casa, mas ficar sentado diante da janela olhando para fora o tempo todo.

“Leve a planta”, Blaine disse no último dia em que eles se viram, quando Ifemelu estava fazendo as malas. Ele parecia derrotado, parado na cozinha com os ombros encurvados. A planta era dele, folhas verdes cheias de esperança brotando de três caules de bambu. Quando Ifemelu a pegou, uma solidão arrasadora e súbita atravessou-a e permaneceu com ela durante semanas. Às vezes, ainda a sentia. Como era possível sentir falta de algo que não queria mais? Blaine precisava daquilo que ela não podia dar, e ela precisava daquilo que ele não podia dar. Ifemelu lamentava por isso, pela perda do que poderia ter sido.

Então ali estava ela, num dia repleto da opulência do verão, prestes a trançar o cabelo para a viagem de volta. O calor pegajoso se agarrava à sua pele. Havia pessoas com três vezes o seu peso na estação de Trenton, e Ifemelu olhou com admiração para uma delas, uma mulher com uma saia muito curta. Ela não dava importância a pernas esbeltas exibidas numa minissaia — era fácil e seguro, afinal, mostrar pernas que tinham a aprovação do mundo —, mas o ato da mulher gorda tinha aquela convicção silenciosa que alguém divide apenas consigo mesmo, uma noção do que é certo que os outros não podem ver. A decisão de Ifemelu de voltar para seu país era parecida; quando

ela se sentia assolada pelas dúvidas, pensava em si mesma como alguém que estava corajosamente sozinho, quase uma heroína, para assim esmagar suas incertezas. A mulher gorda estava com uma excursão de um grupo de adolescentes de dezesseis ou dezessete anos. Eles se reuniram ao redor dela, vestindo uma camiseta amarela com o nome de uma colônia de férias na frente e atrás, rindo e conversando. Os adolescentes fizeram Ifemelu pensar em seu primo Dike. Um dos meninos, alto e de pele escura, com o porte esguio e musculoso de um atleta, era igualzinho a ele. Não que Dike fosse um dia usar aqueles sapatos que pareciam alpargatas. Sapato de moça, era o que ele diria. Aquela expressão era nova; Dike a usara pela primeira vez havia alguns dias, quando estava falando sobre ter ido às compras com tia Uju. “Minha mãe queria que eu comprasse uns sapatos absurdos. Ah, prima, você sabe que não posso usar sapato de moça.”

Ifemelu entrou na fila do ponto de táxi que havia perto da estação. Torceu para que o motorista não fosse nigeriano, pois, uma vez que ouvisse seu sotaque, ou se mostraria agressivamente ansioso em lhe contar que fizera mestrado, que o táxi era apenas um segundo emprego e que sua filha era uma das melhores alunas da Universidade Rutgers, ou continuaria a dirigir num silêncio emburrado, dando seu troco e ignorando o seu “obrigada”, o tempo todo mergulhado na humilhação porque achava que uma nigeriana como ele, uma jovem ainda por cima, que talvez fosse enfermeira, contadora ou mesmo médica, estava olhando-o com desprezo. Os motoristas de táxi nigerianos nos Estados Unidos tinham certeza de que, no fundo, não eram motoristas de táxi. Ifemelu era a próxima da fila. Seu motorista era negro e de meia-idade. Ela abriu a porta e olhou a identificação grudada nas costas do assento da frente. *Mervin Smith*. Não era um nome nigeriano, mas nunca dava para ter certeza. Os nigerianos usavam todo tipo de nome ali. Até Ifemelu já tinha sido outra pessoa.

“Como vai você?”, perguntou o homem.

Ela logo percebeu, para seu alívio, que o sotaque do homem era do Caribe.

“Muito bem. Obrigada.” Ifemelu deu-lhe o endereço do Salão Especializado em Traças Africanas Mariama. Era a primeira vez que ia lá — seu salão de costume havia fechado porque a dona voltara para a Costa do Marfim para se casar —, mas Ifemelu tinha certeza de que ia ter a mesma aparência de

todos os outros salões especializados em tranças africanas que já vira. Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Aisha ou Fatima, tinham aquecedores que faziam a temperatura subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia o telefone e era respeitada pelas outras. Com frequência havia um bebê amarrado às costas de alguém com um pedaço de pano. Ou uma criança de dois ou três anos dormindo numa canga aberta sobre um sofá puído. Às vezes, crianças um pouco mais velhas passavam no salão. As conversas eram barulhentas e rápidas, em francês, wolof ou mandingo, e quando elas falavam inglês com os clientes era um inglês engraçado e cheio de erros, como se não tivessem se acostumado bem com a língua antes de assumir as gírias dos americanos. As palavras saíam pela metade. Certa vez, na Filadélfia, uma cabeleireira guineana dissera a Ifemelu: “Ô tarra, tip si, mut put”. Ela precisou repetir várias vezes antes que Ifemelu compreendesse que queria dizer: “Eu tava, tipo assim, muito puta”.

Mervin Smith era animado e tagarela. Enquanto dirigia, falou sobre como estava quente e sobre o fato de que certamente haveria apagões.

“Esse é o tipo de calor que mata gente mais velha. Se eles não têm ar condicionado, têm de ir ao shopping, sabe? No shopping, tem ar condicionado de graça. Mas às vezes não têm ninguém para levar. As pessoas têm de cuidar da gente mais velha”, disse ele, com o bom humor inabalado pelo silêncio de Ifemelu.

“Chegamos!”, disse ele, estacionando diante de um quarteirão cheio de construções velhas. O salão ficava no meio, entre um restaurante chinês chamado Happy Joy e uma loja de conveniência que vendia bilhetes de loteria. Lá dentro, o cômodo era o retrato do descaso, com a pintura descascada e as paredes cobertas de cartazes grandes que mostravam diversos penteados com tranças e cartazes menores com os dizeres DEVOLUÇÃO DE IMPOSTO RÁPIDA. Três mulheres, todas usando camiseta e bermuda até o joelho, estavam trabalhando no cabelo de clientes sentadas diante delas. Havia uma pequena televisão presa na parede num dos cantos, com o volume um pouco alto, na

qual passava um filme nigeriano: o homem batia na mulher, que se encolhia e gritava. A qualidade do áudio era tão ruim que Ifemelu se assustou.

“Oi!”, disse ela.

Todas se viraram para olhá-la, mas apenas uma, que tinha de ser a Mariama que dava nome ao salão, disse: “Oi. Seja bem-vinda”.

“Eu queria trançar o cabelo.”

“Que tipo de trança você quer?”

Ifemelu disse que queria uma trança torcida média e perguntou quanto era.

“Duzentos”, disse Mariama.

“Paguei cento e sessenta mês passado.” Ela havia trançado os cabelos pela última vez fazia três meses.

Mariama não disse nada durante algum tempo, voltando os olhos para o cabelo que estava trançando.

“Então, cento e sessenta?”, perguntou Ifemelu.

Mariama deu de ombros e sorriu. “Tudo bem, mas você tem de voltar aqui da próxima vez. Sente. Espere pela Aisha. Ela vai terminar logo.” Mariama apontou para a mais franzina das cabeleireiras, que tinha uma doença de pele, com descolorações rosa esbranquiçadas nos braços e no pescoço que pareciam infecciosas, para preocupação de Ifemelu.

“Oi, Aisha”, disse ela.

Aisha olhou para Ifemelu, assentindo levemente sem mover um músculo do rosto, quase hostil em sua ausência de expressão. Havia algo de estranho nela.

Ifemelu sentou perto da porta; o ventilador sobre a mesa riscada estava ligado no máximo, mas fazia pouca diferença no salão abafado. Ao lado do ventilador havia pentes, pacotes com apliques de cabelo, revistas repletas de páginas soltas e pilhas de DVDs. Havia uma vassoura encostada num canto, ao lado da máquina de doces e do secador enferrujado que não era usado havia cem anos. Na tela da televisão, um pai batia em duas crianças, socos duros que atingiam o ar acima da cabeça das pessoas no salão.

“Não! Mau pai! Mau homem!”, disse a outra cabeleireira, olhando para a televisão e se encolhendo.

“Você é da Nigéria?”, perguntou Mariama.

“Sou”, disse Ifemelu. “Você é de onde?”

“Eu e minha irmã Halima somos de Mali. Aisha é do Senegal”, respondeu Mariama.

Aisha não ergueu os olhos, mas Halima sorriu para Ifemelu, um sorriso que, com sua calorosa cumplicidade, dava boas-vindas a outra africana; ela não teria sorrido para uma americana da mesma maneira. Era muito estrábica, as pupilas fugindo em direções opostas, de modo que Ifemelu se sentiu insegura, sem saber se os olhos de Halima estavam fixos nela.

Ifemelu se abanou com uma revista. “Está tão quente”, disse ela. Pelo menos, aquelas mulheres não iam responder “Está com calor? Mas você é da África!”.

“Essa onda de calor está horrível. Desculpe, o ar-condicionado quebrou ontem”, disse Mariama.

Ifemelu sabia que o ar condicionado não havia quebrado no dia anterior. Ele estava quebrado fazia muito mais tempo, talvez jamais tivesse funcionado; mesmo assim, assentiu e disse que talvez tivesse queimado pelo excesso de uso. O telefone tocou. Mariama atendeu e, após um minuto, disse “Pode vir agora”, a mesma frase que tinha feito Ifemelu parar de marcar hora em salões especializados em tranças africanas. Pode vir agora, as mulheres sempre diziam, e aí você chegava e encontrava duas pessoas esperando para fazer as tranças, e ainda assim a dona falaria “Espere, minha irmã está vindo ajudar”. O telefone tocou de novo e Mariama falou em francês, erguendo a voz. Ela parou de fazer tranças para gesticular enquanto gritava. Então, desdobrou um formulário amarelo da Western Union que havia tirado do bolso e começou a ler os números em voz alta. “*Trois! Cinq! Non, non, cinq!*”

A mulher cujo cabelo Mariama estava trançando em minúsculas tranças que pareciam dolorosas disse, irritada: “Ande logo! Não vou passar o dia todo aqui!”.

“Desculpe, desculpe”, disse Mariama. Mesmo assim ela terminou de repetir os números da Western Union antes de continuar a fazer as tranças, com o telefone preso entre o ombro e a orelha.

Ifemelu abriu seu livro, *Cane*, de Jean Toomer, e passou os olhos por algumas páginas. Ela vinha pensando em lê-lo havia tempos, e imaginava que ia gostar dele, já que Blaine não gostara. Uma obra afetada, dissera ele, naquele tom gentil e paciente que usava quando conversavam sobre livros, como se tivesse certeza de que ela, com um pouco mais de tempo e um pou-

co mais de sabedoria, aceitaria que os romances dos quais ele gostava eram superiores, romances escritos por homens jovens ou quase jovens e repletos de *coisas*, um acúmulo fascinante e confuso de marcas, música, revistas em quadrinhos e ícones, que lidavam apenas de maneira superficial com as emoções e com cada frase estilosamente consciente de seu próprio estilo. Ifemelu havia lido muitos deles porque Blaine os recomendara, mas eram como algodão-doce, dissolvendo fácil na língua da memória.

Ela fechou o livro; estava quente demais para se concentrar. Comeu um pouco de chocolate derretido, mandou uma mensagem de texto para Dike dizendo que ligasse para ela quando acabasse o treino de basquete e se abanou. Leu os cartazes na parede em frente — AS TRANÇAS NÃO SERÃO AJUSTADAS APÓS UMA SEMANA; NÃO ACEITAMOS CHEQUES; NÃO DEVOLVEMOS DINHEIRO —, mas evitou cuidadosamente olhar para os cantos do cômodo, pois sabia que haveria maçarocas de jornal mofado enfiadas embaixo de canos, sujeira incrustada e coisas havia muito apodrecidas.

Finalmente, Aisha terminou de fazer o cabelo da outra cliente e perguntou que cor de aplique Ifemelu ia querer.

“Número quatro.”

“Essa não ser cor boa”, disse Aisha no mesmo instante.

“É a que eu uso.”

“Fica sujo. Não quer a cor um?”

“A um é preta demais, parece falsa”, disse Ifemelu, soltando o lenço que estava envolto em sua cabeça. “Às vezes eu uso a dois, mas a quatro é a mais próxima da minha cor natural.”

Aisha deu de ombros com um ar altivo, como se não fosse problema dela se a cliente tinha mau gosto. Abriu um armário, pegou dois pacotes de apliques e verificou se ambos eram da mesma cor.

Aisha tocou o cabelo de Ifemelu. “Por que não usa alisa?”

“Gosto do meu cabelo do jeito que Deus fez.”

“Mas como penteia? Difícil de pentear.”

Ifemelu havia trazido seu próprio pente. Ela penteou devagar seu cabelo denso, macio e em pequenas espirais, até que ele ficou parecendo um halo em torno de sua cabeça. “Não é difícil de pentear se você hidratar do jeito certo”, disse Ifemelu, agora com o tom convincente de proselitismo que usava sempre que estava tentando convencer outras mulheres negras dos méritos

de deixar o cabelo natural. Aisha deu uma risadinha incrédula; ficou claro que não conseguia entender por que uma pessoa escolheria o sofrimento de pentear um cabelo natural em vez de simplesmente alisá-lo. Ela separou o cabelo de Ifemelu em mechas, pegou um pequeno aplique de cima da mesa e começou a entrelaçá-lo nos fios com dedos hábeis.

“Está apertado demais”, disse Ifemelu. “Não aperte.” Como Aisha continuou a entrelaçar o aplique até o fim, Ifemelu achou que ela talvez não tivesse entendido e por isso tocou a trança que doía e disse: “Apertada, apertada”.

Aisha empurrou a mão dela. “Não. Não. Deixa. Tá bom.”

“Está apertada!”, insistiu Ifemelu. “Por favor, afrouxe um pouco.”

Mariama observava as duas. Começou a emitir um jorro de palavras em francês. Aisha afrouxou a trança.

“Desculpe”, disse Mariama. “Ela não entende muito bem.”

Mas Ifemelu viu, pelo rosto de Aisha, que ela entendia muito bem, sim. Simplesmente era uma cabeleireira como as dos mercados da África, imune às frescuras cosméticas do atendimento ao cliente americano. Ifemelu imaginou-a trabalhando num mercado em Dacar da mesma maneira que as cabeleireiras de Lagos trabalhavam, assoando o nariz, limpando a mão na canga amarrada à cintura, empurrando com força a cabeça das clientes para posicioná-la melhor, reclamando que o cabelo delas era cheio demais, duro demais ou curto demais e gritando com as mulheres que passavam, tudo isso enquanto conversavam alto demais e faziam tranças apertadas demais.

“Você conhece a moça?”, perguntou Aisha, olhando para a televisão.

“O quê?”

Aisha repetiu a pergunta e apontou para a atriz na tela.

“Não”, disse Ifemelu.

“Mas você é nigeriana.”

“Sou, mas não a conheço.”

Aisha indicou a pilha de DVDs sobre a mesa. “Antes, tinha vodu demais. Muito ruim. Agora, filme da Nigéria é muito bom. Casa grande!”

Ifemelu não tinha grande apreço pela indústria cinematográfica da Nigéria, a chamada Nollywood, com seu histrionismo e seus enredos improváveis, mas ela assentiu, porque ouvir “Nigéria” e “bom” na mesma frase era um luxo, mesmo vindo dessa estranha mulher senegalesa. Ifemelu escolheu ver naquilo um augúrio de sua volta para casa.

Todos a quem ela contara que ia voltar tinham ficado surpresos, esperado uma explicação, e, quando ela dizia que ia fazer aquilo apenas porque queria, uma ruga de espanto surgia na testa deles.

“Você vai acabar com seu blog e vender seu apartamento para voltar para Lagos e trabalhar para uma revista que não paga bem?”, perguntara tia Uju, repetindo depois a frase, para fazer Ifemelu ver a gravidade de sua tolice. Só sua velha amiga de Lagos, Ranyinudo, fizera sua volta parecer normal. “Lagos agora está cheia de gente que voltou dos Estados Unidos, então é melhor você vir logo e ser mais uma. A gente vê essa gente nas ruas todos os dias, carregando uma garrafa como se fosse morrer de calor se ficar um minuto sem água”, dissera Ranyinudo. Ifemelu e Ranyinudo haviam mantido contato ao longo dos anos. No início, elas escreviam cartas sem muita frequência, mas, conforme os cibercafés foram abrindo, os telefones foram se espalhando e o Facebook foi se tornando popular, passaram a se comunicar a intervalos menores. Fora Ranyinudo quem lhe dissera, alguns anos antes, que Obinze ia se casar. “E tem mais, ô, ele tem muita grana agora. Viu o que você perdeu?”, havia dito Ranyinudo. Ifemelu fingira indiferença a essa notícia. Afinal, tinha sido ela quem cortara relações com Obinze, e já havia passado tanto tempo. Além disso, ela acabara de começar uma relação com Blaine e estava feliz, acostumando-se a ter uma vida a dois. Mas, depois de desligar, pensara sem parar em Obinze. Imaginá-lo se casando a deixava com um sentimento parecido com tristeza, uma tristeza esvaecida. Mas Ifemelu tentou se convencer de que estava feliz por Obinze e, para provar para si mesma que isso era verdade, decidiu escrever para ele. Não tinha certeza se ainda usava seu velho e-mail, então mandou um esperando, até certo ponto, que ele não fosse responder, mas Obinze respondeu. Ifemelu não voltou a escrever, porque a essa altura já havia admitido para si que uma pequena luz ainda brilhava dentro dela. Era melhor deixar aquilo para lá. Em dezembro do ano anterior, quando Ranyinudo lhe contou que havia encontrado com ele no shopping Palms e que estava com a filhinha (Ifemelu ainda não conseguia imaginar esse shopping enorme e moderno em Lagos; tudo que lhe vinha à mente quando tentava era o minúsculo Mega Plaza do qual se lembrava), dizendo “Ele parecia tão *limpo* e a filha dele é tão bonita”, Ifemelu sentiu uma pontada causada por todas as mudanças que haviam acontecido na vida dele.

“Agora, filme da Nigéria é muito bom”, disse Aisha de novo.

“É”, respondeu Ifemelu, entusiasmada. Isso era o que ela havia se tornado, uma caçadora de sinais. Os filmes da Nigéria eram bons, por isso voltar para lá seria bom.

“Você é ioruba na Nigéria”, disse Aisha.

“Não, eu sou igbo.”

“Você é igbo?” Pela primeira vez, um sorriso surgiu no rosto de Aisha, um sorriso que mostrava dentes pequenos e gengivas escuras. “Achei que era ioruba porque você é escura, e gente igbo é clara. Tenho dois homens igbos. Muito bons. Homem igbo cuida bem de mulher.”

Aisha estava quase sussurrando, falando num tom que sugeria algo sexual e, no espelho, as manchas em seus braços e em seu pescoço pareciam feridas horríveis. Ifemelu imaginou algumas delas estourando e soltando pus, outras descamando. Desviou o olhar.

“Homem igbo cuida bem de mulher”, repetiu Aisha. “Eu quero casar. Eles me ama, mas diz que a família quer mulher igbo. Porque igbo sempre casa com igbo.”

Ifemelu engoliu a vontade de rir. “Você quer casar com eles dois?”

“Não.” Aisha fez um gesto impaciente. “Quero casar com um. Mas é verdade isso? Igbo sempre casa com igbo?”

“Os igbo casam com todo tipo de gente. O marido da minha prima é ioruba. A esposa do meu tio é da Escócia.”

Aisha parou de trançar e ficou observando Ifemelu pelo espelho, como se estivesse decidindo se devia ou não acreditar nela.

“Minha irmã disse que é verdade, igbo sempre casa com igbo”, disse ela.

“E como sua irmã sabe?”

“Ela conhece muito igbo na África. Vende tecido.”

“Onde ela mora?”

“Na África.”

“Onde? No Senegal?”

“No Benim.”

“Por que você diz que ela mora na África em vez de dizer o país?”, perguntou Ifemelu.

Aisha deu uma risadinha. “Você não conhece os Estados Unidos. Você fala em Senegal para os americanos e eles dizem ‘Onde fica isso?’. Minha amiga de Burkina Fasso, eles perguntam para ela ‘Seu país é na América La-

tina?’.” Aisha voltou a trançar com um sorriso irônico no rosto e então perguntou, como se fosse impossível para Ifemelu compreender os hábitos daquele país: “Há quanto tempo você está nos Estados Unidos?”.

Ifemelu então decidiu que não gostava nem um pouco de Aisha. Quis cortar a conversa de modo que elas só dissessem o necessário uma para a outra durante as seis horas que levaria para trançar seu cabelo, então fingiu que não tinha ouvido e pegou o celular. Dike ainda não havia respondido sua mensagem de texto. Ele sempre respondia em questão de minutos, mas talvez estivesse no treino de basquete, ou com os amigos, assistindo a algum vídeo bobo no YouTube. Ifemelu ligou para Dike e deixou um recado enorme, erguendo a voz e falando sem parar, perguntando sobre o treino de basquete, querendo saber se estava quente em Massachusetts e se ele ainda ia levar Page ao cinema naquele dia. Então, num rasgo de ousadia, escreveu um e-mail para Obinze e, sem se permitir relê-lo, enviou-o. Contou-lhe que ia voltar a morar na Nigéria e, embora já tivesse um emprego lá, embora seu carro já estivesse num navio a caminho de Lagos, pela primeira vez aquilo subitamente lhe pareceu ser verdade. *Há pouco tempo decidi voltar para a Nigéria.*

Aisha não desanimou. Quando Ifemelu ergueu os olhos do telefone, ela perguntou de novo: “Há quanto tempo está nos Estados Unidos?”.

Ifemelu colocou o celular de volta na bolsa bem devagar. Anos antes, alguém havia lhe feito uma pergunta semelhante no casamento de uma das amigas da tia Uju e ela respondera que estava ali havia dois anos, o que era verdade, mas o sorriso de desdém no rosto de seu interlocutor nigeriano lhe ensinara que, para ganhar o prêmio de ser levada a sério pelos nigerianos que viviam nos Estados Unidos, pelos africanos que viviam nos Estados Unidos, na verdade por qualquer imigrante nos Estados Unidos, precisava de mais. Seis anos, Ifemelu tinha começado a dizer quando fazia apenas três anos e meio. Oito anos, ela dizia quando eram cinco. Agora, que já fazia treze anos, mentir parecia desnecessário, mas ela mentiu mesmo assim.

“Quinze anos”, disse.

“Quinze? Muito tempo.” Um novo respeito surgiu nos olhos de Aisha. “Você mora aqui em Trenton?”

“Moro em Princeton.”

“Princeton.” Aisha ficou em silêncio por um segundo. “Você é estudante?”

“Eu tinha uma bolsa até pouco tempo atrás”, disse Ifemelu, sabendo

que Aisha não ia saber o que era uma bolsa. Naquele raro momento em que a mulher pareceu intimidada, Ifemelu sentiu um prazer perverso. Sim, Princeton. Sim, o tipo de lugar que, para Aisha, só poderia existir na imaginação, o tipo de lugar que jamais teria cartazes que diziam DEVOLUÇÃO DE IMPOSTO RÁPIDA; o pessoal de Princeton não precisava de devolução de imposto rápida.

“Mas eu vou voltar para a Nigéria”, acrescentou Ifemelu, sentindo um remorso súbito. “Vou semana que vem.”

“Para ver a família.”

“Não. Vou voltar a morar lá. A morar na Nigéria.”

“Por quê?”

“Como assim por quê? Por que não?”

“É melhor você mandar dinheiro para eles. A não ser que seu pai seja homem grande. Você conhece gente graúda?”

“Arrumei um emprego lá”, disse Ifemelu.

“Você ficou aqui quinze anos e vai voltar só para trabalhar?” Aisha deu um sorrisinho superior. “Você pode ficar aqui se quiser?”

Aisha fez Ifemelu se lembrar do que tia Uju disse quando finalmente aceitou que ela estava falando sério sobre voltar à Nigéria — *Você vai aguentar?* —, e a sugestão de que ela havia sido irrevogavelmente mudada pelos Estados Unidos a fez sentir como se sua pele estivesse cheia de espinhos. Seus pais também achavam que ela talvez não fosse capaz de “aguentar” a Nigéria. “Pelo menos você é uma cidadã americana agora, então sempre vai poder voltar para os Estados Unidos”, o pai lhe dissera. Ambos haviam perguntado se Blaine iria com ela, uma pergunta carregada de esperança. Ifemelu achava graça na frequência com que perguntavam sobre Blaine agora, já que haviam demorado a se acostumar com a ideia de seu namorado ser um negro americano. Imaginou-os fazendo planos silenciosos para seu casamento: sua mãe pensaria num bufê e nas cores da decoração e seu pai pensaria num amigo importante a quem poderia pedir que fosse padrinho do casal. Relutante em acabar com aquela esperança, porque era preciso tão pouco para alimentá-la, o que por sua vez os deixava felizes, Ifemelu disse para o pai: “Decidimos que eu vou voltar primeiro. Blaine vai depois de algumas semanas”.

“Esplêndido”, respondeu o pai, e ela não disse mais nada, porque era melhor deixar as coisas apenas esplêndidas.

Aisha puxou seu cabelo com um pouco de força demais. “Quinze anos

nos Estados Unidos é muito tempo”, disse ela, como se estivesse refletindo sobre a questão. “Você tem namorado? Vai casar?”

“Também vou voltar para a Nigéria para ver meu homem”, disse Ifemelu, surpreendendo-se. *Meu homem*. Como era fácil mentir para estranhos, criar para eles a versão da nossa vida como a imaginamos.

“Ah! Aí, sim!”, disse Aisha, animada. Ifemelu finalmente lhe dera um motivo compreensível para querer voltar. “Vocês vão casar?”

“Talvez. Quem sabe?”

“Ah!” Aisha parou de trançar e olhou fixamente para ela no espelho, um olhar penetrante, e Ifemelu por um segundo temeu que aquela mulher fosse uma vidente e soubesse que estava mentindo.

“Quero que você veja meus homens. Vou ligar para eles. Eles vêm e você vê os dois. Primeiro, ligo para o Chijioke. Ele dirige táxi. Depois, para o Emeka. Ele é segurança. Você vê os dois.”

“Eles não precisam vir aqui só para me conhecer.”

“Não. Eu ligo. Você diz que igbo pode casar com quem não é igbo. Eles ouvem.”

“Não, eu não vou fazer isso.”

Aisha ficou repetindo, como se não tivesse escutado. “Você diz. Eles escutam porque você é irmã igbo. Qualquer uma pode. Eu quero casar.”

Ifemelu olhou para Aisha, uma mulher senegalesa franzina com um rosto sem nada de extraordinário e uma pele manchada que tinha dois namorados igbo, por mais improvável que isso fosse, e que agora insistia para que os conhecesse e tentasse convencê-los a se casar com ela. Aquilo teria dado um bom post para o blog. “Um caso peculiar de uma negra não americana, ou como as pressões da vida de imigrante podem deixar você maluco.”